

# EDITORIAL

Nesta edição da *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais* são reunidos textos de pesquisadores de múltiplos campos disciplinares. É a partir da geografia econômica, do urbanismo, da sociologia e da história que diferentes escalas territoriais e diferentes aspectos da questão urbana e regional são analisados e problematizados, expondo campos teóricos, métodos e fontes de pesquisa específicos.

Em “Montanhas em um mundo plano”, Andrés Rodríguez-Pose e Riccardo Crescenzi desafiam e dialogam com pesquisadores e autores que, por quase duas décadas, têm interpretado o processo de globalização como a possibilidade de um “mundo plano”, como um campo competitivo de condições homogêneas de poder e de condições de vida. Os autores mostram que a geografia da economia mundial é muito mais complexa e repleta de montanhas. As montanhas em um suposto mundo plano estão relacionadas ao papel desempenhado não apenas pela proximidade física ou geográfica, mas também pela proximidade cognitiva, organizacional, social e institucional na localização da atividade econômica. Nesta nova geografia, em que apenas as grandes aglomerações urbanas respondem a estas condições, a maioria da população mundial, ao contrário de ter maior poder, permanece mal preparada para estes desafios.

A perspectiva urbanística está presente em três textos que avaliam, problematizam e sinalizam para a necessidade de avanços nos instrumentos e políticas públicas em curso, no Brasil, a partir das mudanças nas condições institucionais, com a aprovação do Estatuto da Cidade e criação do Ministério das Cidades.

Em “Democracia no fio da navalha”, Raquel Rolnik avalia os limites e possibilidades de implementação da agenda da Reforma Urbana através da trajetória do Conselho Nacional das Cidades e da campanha pelos Planos Diretores Participativos. Focando a organização do Estado na área do desenvolvimento urbano e sua relação com o sistema político e com as características da democracia brasileira, aponta a necessidade de fortalecimento de espaços de exercício da democracia direta e de controle social, e de um projeto de reforma do atual modelo federativo de gestão urbana.

Vera Rezende, Fernanda Furtado, Maria T. C. de Oliveira e Pedro Jorgensen Jr. recuperam, em “A outorga onerosa do direito de construir e o Solo Criado: uma necessária avaliação das matrizes conceituais”, o longo caminho de formulação do instrumento definido no Estatuto da Cidade para integrar a política urbana municipal das cidades brasileiras. A rica sistematização do material bibliográfico e documental que abordam a outorga e o conceito de Solo Criado que lhe dá origem colabora para uma melhor compreensão de suas potencialidades e das questões que permeiam os atuais debates sobre sua implementação.

Em “A regularização fundiária urbana na Amazônia Legal”, Denise de C. Gouvêa, Paulo C. Ávila e Sandra B. Ribeiro analisam as especificidades do quadro de irregularidades da Região Amazônica a partir da complexa estrutura fundiária. Mostram como o persistente descontrole sobre os registros imobiliários consolida uma desordem fundiária que, associada à prática de fraudes, potencializa o conflito pela posse e domínio da terra. Baseados na análise do arcabouço legal que regulamenta a destinação das terras da União para os municípios, aprovado em 2009, apontam o

descompasso entre avanço das normas e capacitação institucional dos responsáveis por sua aplicação.

Dois textos que se apoiam em fontes documentais, iluminam períodos específicos da história de duas cidades brasileiras. Em “A atuação do Montepio na produção estatal de habitação em João Pessoa de 1932 a 1963”, Angela Nunes recupera a atuação da Carteira Imobiliária do Montepio do Estado da Paraíba na produção de moradias para o funcionalismo público na capital. A autora mostra como a Paraíba se antecipa à ação federal do Banco Nacional de Habitação, os padrões de moradias construídas e as repercussões destes empreendimentos no processo de desenvolvimento da cidade e na atuação da administração municipal.

Em “Identidades relacionadas ao espaço geográfico: a nação brasileira e a cidade de Novo Hamburgo/RS (1927-1945)”, Alessandro Kerber e Cleber C. Prodanov analisam as lutas de representações em torno da construção de identidades de Novo Hamburgo, desde sua emancipação até o final da segunda guerra mundial e do Estado Novo. Os conflitos entre as representações da cidade através do arcabouço simbólico vinculados à imigração alemã e as representações de nação brasileira, através de signos da mestiçagem, são discutidos pelos autores.

Numa perspectiva sociológica, Brasilmar Nunes analisa em “Eixo monumental de Brasília: a obsessão da integração” as implicações da construção de um museu e de uma biblioteca pública no Eixo Monumental de Brasília, na vida cotidiana e no uso de um setor do Plano Piloto. Através de um estudo etnográfico, mostra como, na medida em que se amplia e se diversifica o seu uso, o espaço torna-se acessível a um espectro mais amplo de grupos sociais.

Também voltados para as dinâmicas intraurbanas, em “A forma urbana como problema de desempenho: o impacto de propriedades espaciais sobre o comportamento urbano”, Vinicius M. Netto e Romulo Krafta lançam os fundamentos teóricos e metodológicos para um novo sistema de indicadores que associa metaindicadores de desempenho, como equidade, eficiência, qualidade espacial e sustentabilidade a dimensões urbanas, como morfologia, dinâmica socioeconômica, limiares urbanos e relações cidade–ambiente.

Dois resenhas de publicações de grande importância para a área de estudos urbanos e regionais completam esta edição. A primeira refere-se à coletânea de textos *Philip Gunn – debates e proposições em arquitetura, urbanismo e território na era industrial*, organizada por Telma Correia de Barros. Elaborada pelo professor Celso Lamparelli, a resenha situa de forma primorosa e sensível as preocupações, as linhas de pesquisa e o grande legado do colega e ex-diretor da Anpur que tão prematuramente nos deixou.

A segunda resenha é elaborada pela professora Cibele Rizek, sobre o premiado livro de Lucio Kowarick, *Viver em risco. Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil*, que, através de novas proposições teórico-metodológicas no estudo das condições de vida em cortiços, favelas e periferias, oferece um quadro muito preciso do que significa viver em risco na São Paulo de nossos dias.

Por fim, cabe registrar aqui que esta edição da Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais é fruto do trabalho conjunto de Geraldo Magela, que finaliza sua gestão como editor responsável, e de Sarah Feldman, que assume esta função pelos próximos dois anos.

GERALDO MAGELA COSTA E SARAH FELDMAN  
*Editores responsáveis*